

O PSICANALISTA E A SEXUALIDADE NO SÉCULO XXI

Maria Anita Carneiro Ribeiro

Não poupou nem seu pudor, nem o de outrem. Favoreceu Marco Lépido, o pantomimo Mnester, alguns reféns, com os quais entretinha comércio infame. Valério Catulo, jovem pertencente a uma família consular, censurou-o por tê-lo desonrado e lhe fatigado os rins com seus contatos. Sem falar dos incestos com suas irmãs praticados e da sua paixão tão conhecida pela prostituta Pirálide, quase não houve mulher, por menos ilustre que fosse, que ele não tivesse desrespeitado.

(SUETÔNIO, s.d., p. 148)

Nascido há cerca de dois mil anos, no século II, e tendo vivido apenas intensos 29 anos, o Imperador romano Calígula, ainda hoje nos fornece uma abertura impactante para um trabalho sobre a sexualidade. No entanto, não nos interessam aqui os desmandos sexuais do Imperador, porém acentuar que desde que temos notícias da humanidade, e certamente muito antes de Freud ou de Calígula, a sexualidade emerge na história como perversa e poliforma.

Foi certamente o mestre de Viena que assim a definiu, já em 1905, apurando o tema nos textos entre 1910 e 1918, conhecidos como suas contribuições à psicologia do amor. Nesta refinada erótica freudiana fica claro, entretanto, que o amor masculino, no que ele comporta de idealização do objeto amado é mais facilmente compreensível, assim como também o fato de muitas mulheres amarem como os homens. Do lado feminino, porém, as questões são sempre mais obscuras (FREUD, 1910-1918/1994).

No *Seminário livro 20: Mais ainda*, Lacan (1982) aborda a sexualidade pela via das fórmulas quânticas da sexuação, ou seja, através de quatro proposições lógicas aristotélicas, tomada duas a duas. Não se trata mais de abordar o sexo pela evidência biológica, embora possamos, a meu ver, continuar afirmando com Freud que a anatomia é o destino, uma vez que o sexo atribuído pelo Outro ao sujeito por ocasião de seu

nascimento vai depender da presença ou ausência dos caracteres anatômicos próprios. Hoje sabemos das nefastas conseqüências que um erro de atribuição, baseado numa ambigüidade morfológica ou numa má formação do órgão, pode acarretar para o sujeito.

A partir das fórmulas apresentadas no *Seminário 20*, não se trata para o sujeito de se posicionar numa identidade sexual, mas de assumir uma posição sexuada, como homem (todo fálico) ou como mulher (não-toda fálica), o que aliás não determina a escolha do objeto sexual, como do sexo oposto ou do mesmo sexo do sujeito. (LACAN, 1982, p. 105)

Como vimos nas palavras de Suetônio (s.d.) sobre Calígula, tomar como objetos sexuais pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, com ou sem exclusividade, sempre esteve presente na nossa história. No entanto quando Freud inicia sua teorização rumo à descoberta do inconsciente e de sua natureza sexual, o panorama era bem outro. No século XIX, a partir de propostas higienistas pseudamente científicas, a sexualidade passa a ser interrogada, classificada e posteriormente reprimida em suas chamadas aberrações. Observe-se que a repressão sexual nasce e permanece mesclada com o racismo, atingindo seu apogeu nos campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial, em que o triângulo rosa, que marcava os homossexuais masculinos, unia-se à estrela de Davi amarela dos judeus.

Foi somente a partir de 1969, com a revolta dos freqüentadores *gays* do imundo bar de New York, chamado Stonewall, que era ocasionalmente invadido pela polícia homofóbica e seus agentes repressores, que se iniciou uma virada com relação à questão da normatividade sexual. Segundo Guacira Lopes Louro (2004):

a homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um ‘tipo’ humano distintivo. (LOURO, 2004, p. 30)

Bem, aí já temos uma grande diferença com relação às concepções psicanalíticas. Para a psicanálise, **toda** a sexualidade é discursivamente produzida e portanto, desviante. Desde 1905, Freud afirma que “a pesquisa psicanalítica se opõe de maneira decisiva a qualquer separação dos homossexuais do restante da humanidade como um grupo com características especiais” (FREUD, 1905/1995, p.132, nota de 1915), ou seja, nunca um “tipo humano distintivo”. Antes disto havia adotado a teoria da bissexualidade de Fliess e a mantém mesmo depois de romper com este. O que era para Fliess um delírio, era, para Freud, conceito.

Guacira Lopes Louro é talvez o maior expoente da teoria *queer* no Brasil. É professora universitária e trabalha na desconstrução da oposição binária da identidade de gênero – masculino-feminino – pela via da pedagogia e da educação. O significante *queer* quer dizer ridículo, diferente, tosco, um insulto que está longe de portar a carga de alegria do significante *gay*. Diz Louro:

a política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos de 1990, passa a utilizar esse termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica. Ainda que esse seja um grupo internamente bastante diversificado, capaz de expressar divergências e de manter debates acalorados, há entre seus integrantes algumas aproximações significativas. (LOURO, op. cit, p. 39)

Entre estas poderíamos listar as referências obrigatórias a Foucault e Derrida na política dita anti-heterossexista de construção da identidade de gênero. As autoras *queer* são predominantemente intelectuais lésbicas, tentando pensar a sexualidade fora da norma fálica. Autores como Judith Butler rejeitam a normatividade do Édipo psicanalítico e apontam a existência de abordagens que privilegiam o pré-edipiano, como menos sexistas ou normativas. Segundo Butler (2003) “é importante considerar que o tabu do incesto desempenha em Lèvi-Strauss não só o papel de assegurar a reprodução exogâmica de crianças, mas também o de manter uma unidade do ‘clã’ através da exogamia compulsória (...) O tabu do incesto passa assim a funcionar em

paralelo com um projeto racialista” que a autora localiza na preservação da ameaça à pureza da cultura francesa tida como universal (BUTLER, 2003, p. 13).

Os inúmeros ataques de Judith Butler, ilustre expoente *queer*, à psicanálise e ao estruturalismo de Claude Lèvi-Strauss já renderam bons artigos e comentários. Não é este, entretanto, o meu objetivo aqui. Quero apenas apontar a teoria *queer* como um sofisticado índice da mudança no discurso contemporâneo com relação à homossexualidade, ou, melhor dizendo, às homossexualidades.

Embora Freud tenha sempre exibido um discurso libertário com relação ao tema, muitos psicanalistas têm e tiveram leituras reacionárias a este respeito. Alguns o fazem em nome do próprio Freud, apontando sua devoção uxorial a Martha e suas atitudes pessoais conservadoras. Esquecem-se que foi este o mesmo homem que abrigou na Bergasse 19 a namorada de sua filha Anna com seus quatro filhos. A própria Judith Butler cita uma entrevista com a eminente psicanalista kleiniana, Hanna Segal, que privilegia a teoria pré-edipiana, em 1990, em que ela classifica a homossexualidade com um “ataque ao casal parental” e uma “parada no desenvolvimento” (BUTLER, 2003, p. 18). E apesar de Lacan nos dizer que “não é apenas por virar mais à direita do que à esquerda que o desejo, no ser humano, cria dificuldades” (LACAN, 1998, p. 767), alguns analistas auto-intitulados lacanianos ainda insistem em vislumbrar na homossexualidade um quê de perversão.

A psicanálise se referencia na clínica, seu campo experimental, em que comprova ou não seus conceitos e de onde emanam novas questões. Cabe-nos, portanto, aprofundar o diálogo contemporâneo sobre a sexualidade, uma vez que é a clínica, e a clínica de pacientes muito jovens, que nos interroga. Como no exemplo de uma mocinha de 16 anos que na primeira entrevista me afirma, com arrogância, que só namora meninas. Com o decorrer das demais sessões, passa a se interrogar porque é que

nenhum menino chega nela nas festas e na balada. Conclui provisoriamente que é porque seu cabelo era mal cuidado e seu rosto exibía espinhas. Diante do fato de que ambos os problemas tinham solução, indaga-se “será que não sou eu que faço tudo isto? Sabe, eu tenho um pouco de medo dos meninos, quer dizer, dos meninos, não: *daquilo!*”.

Ou como no caso do jovem que, ao contrário do escritor André Gide, ama os homens mas deseja as mulheres. Com os rapazes, ele quer romance, ler poemas, andar de mãos dadas, nada de sexo. Com as mulheres, “é sexo, tesão, sexo animal, só”.

Ou então como outro rapaz, ainda mais jovem, que se vê preso numa armadilha quando seu melhor amigo lhe declara seu amor e começa a cortejá-lo. Dizendo-se decididamente hétero, arma-se de delicadeza e compreensão para com o amigo, convidando-o seguidamente para sair com ele e sua namorada. Ao final, não compreende nada, quando a namorada o abandona para ficar com o suposto *gay*. “É o conto do vigário do *bi*”, diz e acrescenta filosoficamente, “já ouvi falar de outros casos assim”.

BIBLIOGRAFIA

BUTLER, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual? In: **Cadernos Pagú, n. 21**. Campinas: 2003.

FREUD, S. Tres ensayos de teoria sexual (1905) In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

_____. Contribuciones a la psicologia del amor I, II y III (1910-1918) In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

LACAN, J. A juventude de Gide In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O seminário, livro 20: Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SUETÔNIO. **A vida dos doze césaes**. Ediouro 10241, sem data.

SOBRE A AUTORA

Maria Anita Carneiro Ribeiro, psicanalista, AME da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, pós-doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ, coordenadora e professora do curso em Especialização e Psicologia Clínica PUC-RJ e professora do Mestrado de Psicanálise Saúde e Sociedade na Universidade Veiga de Almeida.